

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS DE 4.º E 5.º ANO ACERCA DE TEORIAS E PRÁTICAS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Lúcia Helena Matos Góss¹

Maria Selma Grosch²

Resumo: Este artigo é parte da dissertação de Mestrado em Educação cujo objetivo é compreender se a formação continuada de professoras de 4º e 5º ano atende suas necessidades teóricas e práticas relativas à avaliação de aprendizagem dos estudantes. Neste recorte delimitamos as entrevistas realizadas com as professoras, nos possibilitando refletir sobre o problema da formação continuada em relação a avaliação da aprendizagem. A pesquisa teve uma abordagem de caráter qualitativo, conforme Flick (2009). Já, os instrumentos de coleta de dados foram um questionário e uma entrevista semiestruturada. As conclusões mostraram que a avaliação utilizada pelas educadoras colabora de modo considerável para o bom desempenho educacional. O resultado mostra, também, que elas estão em constante desenvolvimento qualitativo em sua formação. Também nos revela por meio dessas análises que essas professoras carecem de uma formação continuada alinhada as suas reais necessidades e que contribua significativamente sobre sua prática avaliativa de forma reflexiva, oportunizando diálogo, troca de experiência, além de adquirir novos conhecimentos por meio da formação.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem. Formação continuada. Necessidades teóricas e práticas.

1 Licenciada em Pedagogia pela UNIPLAC – Lages (SC). Pós-Graduação em Interdisciplinaridade na Prática Pedagógica pela FURB (SC) Acadêmica do Curso de Mestrado em Educação pela Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. Professora da Rede Municipal de Ensino de Lages (SC). E-mail: luciagoss@uniplaclages.edu.br.

2 Licenciada em Pedagogia pela FAFI (PR). Especialista em Psicologia Educacional pela UNIVALI (SC). Mestre em Educação pela FURB (SC). Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação UFSC (SC). Pós-Doutorado no PPGE da UNOESC (USC). Professora titular no PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIPLAC – Lages (SC). Professora Orientadora do curso de Mestrado em Educação da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. E-mail: mariaselmagrosch@uniplaclages.edu.br.

REFLECTIONS ABOUT 4TH AND 5TH GRADE TEACHERS CONTINUOUS EDUCATION ON LEARNING EVALUATION THEORIES AND PRACTICES

ABSTRACT: This article is part of the Master's in Education dissertation with the objective of understanding if the continuous education of 4.th and 5.th grade teachers meets their theoretical and practical needs related to the learning evaluation of students. In this excerpt we mark off the interviews conducted with teachers, enabling us to reflect about the problem of teachers continuous education regarding learning evaluation. The research has a qualitative approach, according to Flick (2009). About the instruments of data collection were used a questionnaire and a semi-structured interview. The conclusions show that the evaluation utilized by the educators collaborates in a considerable measure for a good educational performance. The result shows, also, that they are in constant qualitative development in their education. It also shows that through these analyses those teachers need continuous education linked to their real needs and significantly contributes for their evaluative practices in a reflexive way, creating dialogues opportunities, experience exchanges, in addition to acquiring new knowledge through their education.

Keywords: Learning evaluation. Continuous Education. Theory and practices needs.

INTRODUÇÃO

[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (FREIRE, 2016, p. 39).

Um professor atento às mudanças ocorridas na sociedade prima por uma educação de qualidade e nesse sentido busca atender as necessidades, sobretudo em se tratando da produtividade discente. Um professor que responda às demandas dinâmicas que se diversificam em quantidade e qualidade.

Foi por meio de conversas e discussões com colegas professoras, que o sentimento de angústia e inquietação sobre a avaliação da aprendizagem, foi surgindo, nos levando a estudar mais sobre o tema avaliação da aprendizagem, na formação continuada. Sendo assim, se fez necessário recorrer a alguns teóricos entre eles: Benvenuto, Araújo e Feldkercher (2018), Luckesi (1995, 2005, 2006), Hoffmann (2005), Nóvoa (2017), Gatti (2013/2014), Grosch (2011), Perrenoud (1993) e Pimenta (1999). Foram utilizados, também, documentos legais que embasam a educação brasileira, como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96), a Constituição de 1988, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs 1997, 1998), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2018) e a Lei complementar n.º 353 de 2011 da Secretaria Municipal de Educação de Lages.

Na prática educativa, o instrumento de grande relevância que possibilita dados sobre o prosseguimento no processo de ensino é a avaliação e o professor tem uma função relevante na medida em que obtém informações sobre o que ainda

precisa sanar de dificuldades e oportunizar aos alunos outros métodos, auxiliando-os no avanço do conhecimento. Para isso, contribuições teóricas e práticas advindas dos encontros de formação continuada são muito importantes, com discussão e reflexão acerca da avaliação da aprendizagem, oportunizando a práxis pedagógica.

Nesse sentido, professores de 4.º e 5.º ano tem necessidade de uma formação continuada que oportunize diálogos, ideias que produzam uma ação, saberes e estudos continuados que tratem da avaliação, que reflitam em seu fazer pedagógico pois, percebemos ser a prática avaliativa uma atitude complexa para o professor. Desse modo, sentimos premência de mais discussões acerca do tema, uma vez que só ouvimos falar do assunto, no início ou final do ano, como método de aprovação e reprovação mediante notas ou conceitos.

Podemos dizer que a Secretaria da Educação do Município de Lages, em Santa Catarina (SC), manifesta uma atitude de atenção e cuidado com a formação continuada, pois segundo Lei Complementar n.º 353, de 03 de fevereiro de 2011, descrita no artigo 33, parágrafo 1.º assegura essa formação, mas, apesar dessa preocupação, entre outros aspectos da relação pedagógica no cotidiano da sala de aula, nós, professoras, sentíamos falta de embasamento sobre o tema avaliação da aprendizagem, assunto que gerava sempre indagações.

Para realização desse estudo³ utilizamos dos seguintes procedimentos: leituras, questionário, entrevista semiestruturada e análise de dados. O estudo pautou-se na pesquisa qualitativa com análise de conteúdo amparada por Flick (2009, p. 20): “[...] a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida”. Sendo assim, entendemos que fazendo uso dessa abordagem teríamos mais embasamento para a investigação, por se tratar da realidade vivenciada pelos sujeitos da pesquisa. Dessa maneira, esse artigo está assim organizado: algumas reflexões relativas à formação continuada e avaliação da aprendizagem que apoia as discussões delineadas nesse artigo e conduzem as análises dos dados. Participaram da pesquisa 10 professoras de 4.º e 5.º ano do ensino fundamental de três escolas da rede municipal de Lages/SC. A pesquisa contou, como instrumento para coleta de dados, de um questionário constituído por 10 (dez) perguntas fechadas, com a finalidade de sondar o perfil pessoal e profissional das professoras, como: nível de formação, idade, gênero, tempo de experiência, situação profissional, ordem de importância (pontuação média de formas de avaliação), frequência que participa da formação continuada e se a formação continuada contribui na prática educativa, se são efetivas, se tem mais de três anos de experiência com turmas de 4.º e 5.º ano em escolas do município de Lages e se participam de encontros de formação oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Lages (SMEL).

Após análise do questionário, selecionamos cinco professoras e seguimos para a entrevista semiestruturada que conta com seis perguntas abertas para que

3 Esta pesquisa é parte de estudo de Mestrado em Educação realizado entre os anos de 2019 e 2020 na Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC.

podéssemos saber sobre suas angústias e os desafios relacionados à avaliação da aprendizagem e a formação continuada.

Dentro desse contexto, tivemos como objetivo de pesquisa compreender se a formação continuada de professoras de 4.º e 5.º ano atende suas necessidades teóricas e práticas relativas à avaliação de aprendizagem dos estudantes. Assim, justifica-se a realização desse estudo, nos levando a refletir sobre a prática de avaliar, refletir também sobre a necessidade das professoras de estarem numa formação continuada que sustente essa ânsia de conhecer mais sobre avaliação, ao invés de utilizá-la como prática de regulação, medo e seleção.

Na primeira seção desse artigo apresentamos abordagens acerca da formação de professores e avaliação da aprendizagem, no que tange suas implicações e desafios no contexto escolar seguindo com análise das entrevistas fundamentada em autores que tratam da temática. Ao final, apresentamos considerações relacionadas ao assunto proposto.

Formação continuada e avaliação da aprendizagem

Investir na Formação Continuada significa colaborar com o aprimoramento, atualização e avanço profissional e, por conseguinte, atribuir qualidade ao trabalho do professor assegurando o progresso dos nossos alunos. A formação continuada tem um papel essencial na vida do professor, uma vez que oportuniza reexaminar, aprofundar, pensar, debater e partilhar saberes com seus pares, conforme pondera Pimenta (1999, p. 29) quando afirma “[...] que a formação é, na verdade, autoformação, uma vez que os professores reelaboram os saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos contextos escolares”. Consideramos que é fundamental que o professor tenha constância no seu processo formativo para elevar cada vez mais sua desenvoltura profissional em prol de novas e melhores práticas pedagógicas.

Nesse sentido Grosch (2011), considera quando diz que, o que causará diferencial na educação é a união da teoria com a prática num coletivo pensante e a autora defende a importância sobre o professor estar sustentado por políticas públicas que estabeleçam perspectivas reais de acréscimo do repertório cultural e apoio teórico. A formação continuada, além de encontro e partilha, serve como espaço para evoluir e transformar seu desempenho profissional, além disso, auxilia o professor a se adequar às transformações sociais que refletem na aprendizagem, possibilitando qualidade e melhoria no ensino.

Para fortalecer a identidade do professor, ele deve se responsabilizar em articular conhecimentos profissionais com técnicas da prática pedagógica que permitam um relacionamento de qualidade entre ele e o ao desempenho de alunos, a formação continuada deve se mover totalmente a favor do sistema educativo.

O professor deve ser capaz de ampliar suas próprias concepções de ensino porque ele assume um papel social de grande valor em uma sociedade que se apresenta em constante transformação. Exatamente por isso deve-se investir na

formação, tanto inicial quanto continuada, do corpo docente, objetivando fortalecer as instituições de ensino além das atividades de pesquisa e extensão. No entanto, as limitações nas instituições de ensino existem, mas o professor não deve justificar ações passivas na sua prática profissional, isto porque, as transformações ocorrem num processo coletivo, na soma das individualidades.

De acordo com Nóvoa (2017, p. 1128), “a formação de professores deve criar as condições para uma renovação, recomposição do trabalho pedagógico, nos planos individual e coletivo. Para isso, é necessário que as professoras realizem estudos de análise de realidades escolares e do trabalho docente”. Desta forma, podem iluminar seus pensamentos e práticas em sala de aula permitindo que os alunos sejam orientados por meio do saber científico.

Ademais, o professor faz progressos quando ressignifica sua prática pedagógica levando em consideração a qualidade de aprendizagem de caráter emancipatório e para que isso ocorra, de maneira integral, a formação continuada deve apoiar os professores a enfrentar medos e anseios para ajudá-los na superação das adversidades presentes no cotidiano da sala de aula.

Compreendemos que a escola é considerada um lugar propício para construir conhecimento, tendo como função levar os alunos a pensar, refletir e transformar a realidade da qual fazem parte e a avaliação dentro da sala de aula não deve ser confundida como instrumento de controle, mas sim para identificar o progresso do aluno, seu grau de desenvolvimento e entendimento do que lhe foi proposto.

Portanto, deve-se considerar que a avaliação não deve ser limitada ao ato de julgar. A avaliação deve servir como base de sustentação e reorientação da prática pedagógica. Os PCNs (BRASIL, 1997) apoiam na revisão, ajustes e criação de novos instrumentos de trabalho para que se tornem adequados ao processo de aprendizagem individual e coletivo, reorientando a prática educativa, promovendo significativa aprendizagem no aluno. Para Luckesi (1995, p. 28), avaliação é mais que um momento de reflexão do professor, mas um instrumento que se move a favor da educação podendo ser considerada uma parceira do trabalho, isso porque ela permite evidenciar tudo aquilo que não está fluindo bem e pode ser melhorado pela sua mediação.

Diante do que foi exposto podemos compreender que a qualidade de ensino só é possível quando cada um assume seu papel com coerência, como uma formação continuada atendendo o professor de forma adequada e um professor refletindo sobre sua prática avaliativa, promovendo o progresso do estudante e possibilitando um ensino eficaz.

Análise dos dados – O que dizem as professoras sobre suas práticas de avaliação e suas formações continuada

No trabalho de pesquisa as categorias foram organizadas em dois temas. Sendo assim, as questões 1, 2, 3 e 4 representam a categoria 1 (um) relativa à avaliação da aprendizagem e as questões 5 e 6 que questionam sobre a formação

continuada trazem dados da categoria 2 (dois) formação continuada de professores. Os resultados obtidos a partir de depoimento das professoras sobre a formação continuada e avaliação da aprendizagem ocorreram com base nas seguintes indagações: 1 – Comente de que forma sua prática avaliativa zela pela aprendizagem dos alunos? 2 – Quais instrumentos você utiliza para verificar o rendimento escolar dos seus alunos? 3 – Quais métodos você utiliza para auxiliar alunos de menor rendimento? 4 – Que tipo de ação você adota depois das avaliações que tiveram consequências negativas? 5 – A formação continuada possibilita mudanças na sua prática como professora? 6 – Comente de que maneira a formação continuada está auxiliando na sua prática de avaliar seus alunos. Trechos em *itálico*, no texto, indicam transcrições das respostas das professoras entrevistadas.

Ao analisarmos as entrevistas das professoras, que participaram da pesquisa, compreendemos que a avaliação da aprendizagem é uma ferramenta de grande importância da qual as professoras podem se utilizar para alcançar o objetivo da escola: o aprendizado e o desenvolvimento do aluno. Como podemos ver no depoimento da (Professora C) em relação à primeira pergunta ela relata: *Através da avaliação consigo identificar as dificuldades e avanços de cada aluno, fazendo um diagnóstico adequado e replanejando as atividades para um melhor desempenho dos mesmos.* Já a (Professora E) diz: *A minha prática zela pela aprendizagem dos alunos quando eu coloco e priorizo cada um com suas particularidades e dificuldades em primeiro plano[...].* Com base nessas considerações, percebemos que a tomada de consciência das docentes oportuniza a evolução de seus alunos. Esse olhar individualizado integra e respeita as singularidades. Nas palavras de Luckesi (2005, p. 21), “o ato amoroso é aquele que acolhe a situação, na sua verdade (como ela é)”. Contemplamos aí a relevância da preparação das professoras oportunizando este olhar diferenciado para com seu aluno. Não exclui, mas acolhe o educando num ato afetivo, fortalecendo e aprimorando a aprendizagem.

Quando se observa o uso dos termos como: (Professora A) *retomada e tentativa de evolução*, (Professora B) *sempre com retomada de conteúdo*, (Professora C) *por meio de diagnóstico vou retomando sempre*, percebemos que as docentes estão zelando pela prática educativa, pois buscam um método de avaliar que promova o ensino, respeitando o estudante nas suas limitações para que ele alcance seu potencial.

No segundo questionamento as professoras destacam o compromisso de fazer com que aconteça uma avaliação diária e não apenas em certos períodos, por meio de várias atividades, como relata a Professora A, *[...] a avaliação deve ser contínua, baseada na observação constante [...].* A Professora C, realçou a necessidade de fazer anotações sobre o avanço de seu aluno como podemos observar em seu depoimento *[...] observações e anotações sobre o desenvolvimento dos alunos nas atividades diárias.* E a Professora B por sua vez, indicou a utilização de atividades coletivas como instrumento eficiente de avaliação e salientou ainda fazer uso da autoavaliação como recurso para avaliar os alunos. Como podemos observar na sua reflexão: *Utilizo autoavaliação, trabalhos em grupo e individual, observação de desempenho e dedicação, avaliações orais e escritas [...].* Os dados apresentados pelas professoras demonstram

o cuidado da utilização de estratégias para assistir os alunos durante o processo educativo, mas precisamos ser vigilantes, pois segundo Luckesi (2006, *on-line*)

[...] se a intenção do professor é fazer um diagnóstico do desempenho de cada um, o trabalho em grupo não vai ajudar muito, porque só avalia o conjunto. Ele é mais útil como atividade de aprendizagem ou construção de tarefa. Por outro lado, o trabalho em grupo favorece o crescimento do indivíduo entre seus pares.

Levando em consideração o que diz o autor, percebemos que as professoras entrevistadas têm esse entendimento de desenvolver aprendizagem por meio de vários recursos, entre eles o trabalho em grupo que permite troca de ideias, opiniões e conhecimentos como é possível ver no relato da Professora E quando diz: *Meu principal instrumento é o aluno no convívio diário. Partindo deste, avalio o dia a dia dele em sala, suas possibilidades, dificuldades e criatividade acima de tudo [...] consigo observar e analisar, futuramente, o momento da avaliação.*

A esse respeito, Hoffmann (2005) afirma que

Acompanhar a aprendizagem dos alunos não se restringe ao uso de instrumentos formais em tempos predeterminados, mas se efetiva na vitalidade intelectual da sala de aula, abrangendo as situações previstas e as inesperadas – ação mediadora que só ocorre se o professor estiver atento à evolução do aluno, analisando o conjunto das atividades escolares, observando o seu convívio com os outros e ajustando as propostas pedagógicas continuamente (HOFFMANN, 2005, p. 34).

O que vemos é que as professoras utilizam a avaliação como uma investigação, de forma consciente e intencional, para buscar uma melhor maneira de entender o que está se passando para que os dois juntos, professora e aluno cheguem ao que se almeja. Essa avaliação contínua vai ajudá-las a compreender o que acontece e como acontece e qual novo rumo seguir de acordo com cada aluno e em seu nível e ritmo de desenvolvimento.

Quando questionamos sobre os métodos para auxiliar alunos de menor rendimento, observamos novamente o uso, pelas professoras entrevistadas, de atividades diferenciadas na tentativa de evoluir esses alunos. (Professora B) diz fazer uso de [...] *maneiras diversificadas (estratégias diferentes)* [...], a (Professora D), *Atividades diferenciadas como: trabalho individual e em grupo, pesquisas, vídeos de acordo com o assunto trabalhado, jogos, recuperação paralela, entre outros.* As professoras também enfatizam a eficiência em retomar conteúdos, como relata a Professora A, [...] *damos oportunidades de recuperar o que não alcançou como deveria* [...], e a Professora B afirma fazer uma *retomada dos conteúdos que apresentam, aos estudantes, dificuldades* [...]. As professoras também destacam o cuidado individual a fim de recuperar o aluno que apresenta mais dificuldade. Como podemos ver nos depoimentos da Professora C quando diz dar *atenção individualizada* e da Professora E que diz: [...] *procuro após a observação, estar acompanhando-o mais de perto sempre reforçando as explicações* [...].

Vemos que a prática pedagógica, apresentada pelas professoras, mostra o nível de comprometimento e a importância que dão a esse momento tão relevante na vida do aluno e o quanto é fundamental averiguar as dificuldades que ocorrem no processo, admitindo a individualidade do aluno para avançar com qualidade.

Continuando nossa reflexão, indagamos às professoras que tipo de ação ela adota depois de avaliações que tiveram consequências negativas e as respostas foram bem variadas como podemos observar nos dados a seguir: Professora A: [...] *observar o que ele consegue realizar sem ajuda, como soluciona desafios e de que maneira pensa o que é tratado*[...]. A Professora B diz: *Primeiramente autoanálise minha enquanto socializadora de conhecimentos, e após, desconstrução da velha forma de ensinar e busca de novas metodologias de ensino. Nem sempre os estudantes estão preparados para alguns níveis e faz-se necessário respeitar etapas de aprendizagem.* A Professora C faz uma *retomada da unidade temática, replanejando as atividades de forma mais detalhada* [...]. Já a Professora D *volta o conteúdo trabalhado dando ênfase aos pontos em que houve mais dificuldade* [...]. O mesmo disse a Professora E: [...] *estabeleço uma retomada deste conteúdo junto com eles* [...].

O que se vê diante das respostas é que são diversas ações praticadas pelas docentes. A Professora A relata que esse momento é um modo de avaliar se as metas estabelecidas foram de fato efetivadas e se os alunos aprenderam para enfim, avançar. A Professora B busca outras metodologias, respeita etapas, pratica autoanálise abandonando velhos conceitos e aderindo a novas práticas e estratégias pedagógicas.

As três últimas entrevistadas afirmaram fazer a retomada de conteúdo. Diante disso Perrenoud (1993, p. 173) diz ser a avaliação um método que:

[...] ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar. A ideia base é bastante simples: a aprendizagem nunca é linear, procedem por ensaios, por tentativas e erros, hipóteses, recuos e avanços: um indivíduo aprenderá melhor se o seu meio envolvente for capaz de lhe dar respostas e regulações sob diversas formas [...].

Nesse enfoque, entendemos que o ato de avaliar não se restringe apenas a observar a aprendizagem do aluno para conceder-lhe nota ou conceito, mas procurar saber o que os alunos adquiriram de conhecimento e quais são suas necessidades. Para que a avaliação da aprendizagem ocorra com qualidade, deve-se fazer uso de diagnóstico contínuo e atualizado para que o progresso do aluno de fato se confirme. Porém, isso deve ser feito respeitando o nível intelectual do aluno para que não seja dado destaque ao erro. Nesse sentido, é o ensinamento de Paulo Freire (2016, p. 66) quando diz: “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.

Percebe-se, na fala das professoras, que respeitar o nível de progresso de cada estudante, evitar situações embaraçosas e retomar conteúdo são procedimentos utilizados pelas docentes dentro da sala de aula e corrobora com Benvenuti, Araújo e Feldkercher (2018, p. 161) quando afirmam que “Avaliar é mapear dificuldades e traçar novos jeitos de caminhar”. A busca de novas estratégias pedagógicas, quando utilizada antes demonstrar ineficiência, também é de igual importância para a

revisão do conteúdo escolar com uma melhor produtividade e isso foi observado nas narrativas das entrevistadas.

Na sequência trazemos os relatos das entrevistadas sobre os dois últimos questionamentos. Compreendemos que mudanças na sociedade ocorrem de forma acelerada e os professores necessitam de uma formação contínua para desenvolver novas possibilidades de pensar e agir e assim, construir alternativas para enfrentar os desafios que encontra diariamente no chão da sala de aula. Nas palavras de Pimenta (1999, p. 29) “[...] a formação é na verdade, autoformação, uma vez que os professores reelaboram os saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos contextos escolares”. Assim, consideramos importante que a formação do professor não sofra interrupção e que esses encontros sejam capazes de avançar em atitudes e práticas pedagógicas que possibilitem a constituição de saberes no processo de ensino, mas pelos relatos das cinco participantes da pesquisa, três demonstraram descontentamento quanto à formação continuada ao orientá-las: A Professora A: *No atual momento, estamos elaborando o documento base do currículo municipal, é claro que acabamos abandonando a parte mais relevante que buscamos nas formações – auxílio à prática [...] na maioria das vezes não atendiam nossas expectativas, com temas irrelevantes e fora do nosso contexto [...].* A Professora D diz que *[...] muitas vezes o que se trabalhava nas formações não sanavam as dúvidas que surgem no processo de ensino aprendizagem, quase sempre se repetiam os mesmos assuntos, não havendo trocas de experiências entre os professores.* Para a Professora E: *A questão da formação continuada é bem relativa, se o formador for uma pessoa experiente, com certeza isso só vai agregar em nossos conhecimentos, do contrário as vezes o formador pode nos atrapalhar.* Já duas professoras demonstraram prazer resultante dos encontros de formação, salientando existir troca de experiências auxiliando-as no cotidiano escolar. Conforme podemos observar nos relatos. A Professora B diz: *Com certeza a formação possibilita além de apoio profissional, sanar dúvidas, auxiliar a resolver conflitos como também é o espaço onde pode haver trocas de experiências e conhecimentos.* A Professora C diz: *Sim, com toda certeza, pois através da formação continuada podemos tirar dúvidas, trocamos ideias com o grande grupo [...].*

Não é sem razão essa necessidade de troca de experiências relatadas pelas entrevistadas, pois estas trocas permitem a inspiração de novas práticas pedagógicas. Além disso, não se trata de estabelecer uma relação de dependência entre professores e formadores, mas sim um espaço para as professoras socializarem suas práticas, compartilharem saberes e refletirem na e sobre suas ações buscando e trazendo mudanças significativas para o ambiente escolar. Mas percebe-se, pelos dados colhidos, uma necessidade de formadores que venham auxiliar de forma significativa com contribuições teóricas e situações práticas reais, ou seja, aproximar a concepção teórica com a realidade da escola.

Quando questionamos sobre de que maneira a formação continuada está auxiliando em suas práticas de avaliar, constatamos pelos relatos de duas professoras mais uma queixa, como podemos ver pela Professora C: *como disse, quando é sobre outro assunto ajuda. Mas em relação a avaliação, sinto falta de conversas, apoio, troca de experiências para podermos levar para a sala de aula e usar como ferramenta na*

hora de avaliar os alunos. Da mesma forma temos a Professora E, que diz: [...] com relação à avaliação às vezes nos deixa ainda mais confusas, porque cada professor tem suas teorias sobre a avaliação [...].

Nesse sentido, podemos pensar no que afirma Grosch, quanto às concepções teóricas e inovações pedagógicas:

As inovações que ocorrem através da implementação de políticas educacionais, se não forem discutidas com o coletivo de professores, e se estes profissionais não se constituírem como sujeitos do processo, podem provocar insegurança, insatisfação, frustração, e ainda resistências na materialização dessas políticas. Quando as concepções não são estudadas e compreendidas podem gerar práticas confusas e até contraditórias. (GROSCH, 2011, p. 176-177).

Ao analisarmos os depoimentos, observamos respostas incisivas quando relatam falta de apoio, conversas e trocas de experiências e compreendemos que as professoras têm consciência da real necessidade de se atualizar constantemente e de que a formação continuada pode contribuir efetivamente na melhoria da prática profissional.

De acordo com a Professora D; *Precisamos de mais embasamento em se tratando da avaliação da aprendizagem. Sinto que se tivéssemos mais momentos de reflexão nossa prática seria bem melhor.* Essa fala evidencia a necessidade de a formação continuada ser em períodos mais frequentes. Já a Professora A diz que: *Por tratar-se do momento mais importante e decisivo de nossa prática, esse momento me causa preocupações, dúvidas e incertezas constantes... Entretanto já recebemos formação específica para que o processo ocorra sem maiores traumas [...].* A Professora B relata que *A formação continuada disponibiliza documentos que descortinam o olhar dos professores [...] Ensinam a avaliar os estudantes como seres inteiros e em formação, compreender que todos avançam em diferentes escalas [...].* Pelas narrativas conclui-se que de fato existem alguns aperfeiçoamentos que os formadores necessitam empregar para que a formação continuada se torne mais dinâmica de modo a atingir os propósitos adequados no que se refere ao aprimoramento da classe docente. É isso nos remete às palavras de Grosch:

Quando os professores têm oportunidade de, num espaço de tempo e lugar específicos de formação continuada, trazer suas peculiaridades, suas problemáticas, isto contribui para a riqueza da pluralidade de um coletivo de profissionais e pode exprimir seu modo de pensar [...] (GROSCH, 2011, p. 184).

Diante disso, entendemos que a formação continuada deve vir como forma de mudança e aperfeiçoamento para a prática docente de maneira reflexiva, enriquecendo e ressignificando seu fazer pedagógico, fornecendo melhorias para sua atividade educativa.

No decorrer das entrevistas, o estudo demonstrou que os encontros de formação continuada são de fundamental relevância para as professoras e ficou nítido no relato das entrevistadas a necessidade de aprimoramento pois dá o suporte indispensável e contínuo ao longo de sua carreira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi pesquisado, pode-se verificar que as professoras entrevistadas sentem necessidade de dialogar e refletir com seus pares acerca das suas angústias para desse modo ampliar seus conhecimentos com o compartilhamento de experiências. Como afirma Gatti (2013/2014, p. 35): “A chave para o desenvolvimento das capacidades humanas está nos processos educativos. Quem faz educação e como, torna-se questão central nesses processos”. Com base às necessidades teóricas e práticas, a pesquisa demonstrou que nem todas as professoras estão plenamente satisfeitas com o processo de formação continuada. Algumas entrevistadas relataram que os temas trabalhados são pouco relevantes. Sendo a formação continuada o lócus destinado a construção e partilha de saberes é que se busca aprofundamento do assunto para contribuir no desempenho das professoras.

Em síntese, foi possível compreender que quando passamos por processos de mudanças, estas podem provocar sensação de perda de referência e para resolver isso é necessário encarar o processo de adaptação. Nesse sentido, é fundamental que a equipe que corresponde a formação continuada dê base científica e instrumentalize o professor a criar e desenvolver o seu autossuporte.

Assim, entendemos que as professoras de 4.º e 5.º ano tem necessidade de participar de uma formação continuada que permita fazer adaptações inteligentes em sua prática profissional, a partir de uma cultura avaliativa que dê destaque ao avanço da aprendizagem. Exatamente por isso, é fundamental um espaço de cultivo da confiança no interior dos professores na elaboração de diagnósticos de aprendizagem, sendo capaz de gerar efeitos positivos na performance dos alunos.

REFERÊNCIAS

- BENVENUTTI, Dilva B.; ARAÚJO, Maria Cristina; FELDKERCHER, Nadiane. Práticas e vivências de avaliação das aprendizagens dos alunos: refletindo com professoras pedagogas. **Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 25, n. 1, p.153-167, jan./abr., 2018. Disponível em: <www.upf.br/seer/index.php/rep>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental** Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2020.
- FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- GATTI, Bernardete. A formação inicial de professores para a educação básica: as licenciaturas. **Revista USP**, São Paulo, n. 100, p. 33-46, dez. /jan./fev., 2013-2014.

GROSCH, Maria Selma. **A formação Continuada de Professores na Rede Municipal de Ensino de Blumenau.** A Escola de Formação Permanente Paulo Freire – EFPPF (1997 – 2004) Florianópolis, 2011.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliar para promover:** as setas do caminho. 7. Ed. Porto Alegre. Mediação. 2005. 144p.

MUNICÍPIO DE LAGES. **Lei Complementar n.º 353, de 03 de fevereiro de 2011.** Dispõe sobre o Plano de Carreira e de Remuneração do Magistério do Município de Lages-SC. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/l/lages/lei-complementar/2011/35/353/lei-complementar-n-353-2011-dispoe-sobre-o-plano-de-carreira-e-de-remuneracao-do-magisterio-do-municipio-de-lages-sc>>.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar.** São Paulo: Cortez, 1995.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola:** reelaborando conceitos e criando a prática. 2. ed. Salvador: Malabares Comunicações e Eventos, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Entrevista com Cipriano Luckesi. 01 de abril de 2006.** 2006. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/190/cipriano-carlos-luckesi-qualidade-aprendizado>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

NÓVOA, Antônio. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p.1106-1133, 2017.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores:** identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora, 1999. p. 15-34.

PERRENOUD, Philippe. Não mexam na minha avaliação! Para uma aprendizagem sistêmica da mudança pedagógica. In: ESTRELA, A.; NÓVOA, A. **Avaliações em educação:** novas perspectivas. Porto, Portugal: Porto Editora, 1993. 173p.